

PIN CE LA DAS

março/2024

NÚMERO 18

FOTO: JOYCE S. VIDAL

No mês marcado pela luta das mulheres, o Pinceladas reúne relatos de algumas funcionárias da Pinacoteca do Ceará que atuam como artistas

Trabalhadoras artistas

BEATRIZ GURGEL

arte-educadora
@beatriz_gurgel

Beatriz Gurgel é uma proponente no campo das artes visuais, trabalhando com produções individuais e ações coletivas. Atualmente, integra a equipe educativa da Pinacoteca do Ceará e faz parte do podcast *Vamos falar sobre arte contemporânea?* com a artista Mel Andrade. “Me instiga muito a pesquisa sobre práticas de ateliê e de criação coletiva. Nas minhas produções individuais gosto de trabalhar com lambe-lambe e trabalhos tridimensionais”, explica. Ela conta, ainda, que o desenho e a escrita sempre a acompanharam e, mais recentemente, tem se aventurado na dança. Na Pinacoteca, a artista diz que o museu a influencia de diferentes formas. “Mas, antes de tudo, não quero ser romântica, são 44 horas de trabalhos semanais, é preciso entender que a falta de tempo e o cansaço dificultam o espaço para a criação”, diz Gurgel. Ainda assim, a arte-educadora explica que as práticas em arte-educação a alimentam e acabam atravessando



tudo o que produz. “Entendo que tenho sorte por ainda ser um trabalho que me nutre de muitas experiências poéticas e que acabam instigando meus processos de criação”, diz. “Passei a dedicar, no meu portfólio, uma seção voltada às minhas proposições educativas, justamente por compreender que também são trabalhos de criação em que há pesquisa e prática poética”, finaliza.



JUPYRA CARVALHO

assistente de produção
@jupyrcarvalho

Travesti, artista multilinguagem e audiodescritora, Jupyra Carvalho é formada em Teatro pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Ela também é produtora cultural desde 2014, quando passou a desenvolver projetos autônomos em diversas instituições. Na Pinacoteca do Ceará, atua como assistente de produção de exposições. “Sou artista da cena. Gosto de estar na cena. Pensando a cena. Atuando na cena, seja como atriz, diretora ou performer”, explica, lembrando que ainda há muita dificuldade no fazer artístico em Fortaleza. “Minha arte, quando vem, chega em mim como uma flecha pedindo passagem e, independente do contexto, ela acontece, apesar das inúmeras dificuldades em que eu me encontro e do desprendimento energético que tenho que fazer para que seja possível. Não é fácil”, afirma Jupyra. As inspirações, segundo ela, vêm de diferentes direções e



FOTO: SY GOMES

deságuam em trabalhos como o espetáculo “ASMR Session - Auto Anti-Ajuda”. Na obra, ela utiliza a técnica ASMR (Resposta Sensorial Autônoma do Meridiano) para explorar o universo da autoajuda. “Em vez de proporcionar conforto e orientações positivas como é comum na autoajuda, eu crio uma espécie de ‘antiautoajuda’ ao tratar de temas como morte, vícios, desespero e felicidade de forma crua e sarcástica”, conta. Jupyra lembra que o museu é formado, em sua maioria, por artistas. “O encontro que acontece aqui é com pares e as relações que se estabelecem sempre são criativas”, diz. “Estar dentro de um museu me faz pensar sobre os processos artísticos institucionais e como sobreviver com a arte que está nesse lugar, que possui um jogo próprio, muitas vezes burocrático, mas ainda sim um lugar possível de existir”, conclui.



JANAÍNA BENTO

arte-educadora
@janainambento



Janaína Bento se descreve como uma mulher negra e artista da dança. Mas não esquece o signo, é escorpiana. “Pesquisadora movida pelas interlocuções do corpo em arte”, explica. É também mestre em Artes pela UFC e bacharela em dança pela mesma instituição. Na Pinacoteca, atua como arte-educadora. Janaína também é Técnica em Dança pela Escola Porto Iracema das Artes e licenciada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). “Atuo profissionalmente na área da dança e em seus atravessamentos em arte desde 2012, quando recebi meu primeiro cachê”, diz. Nessa linguagem, Bento é pesquisadora, dançarina, coreógrafa, diretora de cena e professora na Composição Cênica e Histórias da Dança. Além disso, nutre interesse pelas histórias de danças individuais em prática contracolonial. “Considerando que vida e arte não se separam, o eu-artista sempre está presente em todas as minhas ações e no museu não é diferente”, destaca. Segundo ela, todas as proposições de atividades são pensadas a partir, com, pelo e no corpo em movimento. “O museu me instiga a continuar dançando e criando dança para além dos palcos. Os percursos que crio e participo são resultado desse estímulo. Um exemplo é o Percurso Corporeidades e Movimento”, conclui.



LIZA MARIA

estagiária de
Arte Educação
@lizamari.a



Liza Maria é estagiária de Arte Educação na Pinacoteca do Ceará, estudante de Dança na UFC e se apresenta também como uma mulher negra periférica. Como artista, ela associa a própria história de vida com a arte por meio de danças e vídeos publicados nas redes sociais. Isso acontece na instituição de ensino que frequenta, por meio de conversas no estágio, onde realiza mediações nas exposições do museu, mas também nas reflexões em sala de aula. “O museu, em primeiro ponto, me influenciou em uma das maiores motivações para pesquisar algo que estou fazendo agora. Chamo de ‘corpa natureza sensorial’”, adianta. Ela busca vivências em um mundo que traga sensações e sentidos, vindos do “eu natureza”, mas também da dança como uma forma de pensamento e de deslocamento. Assim, tenta entender como a percepção e o movimento não necessariamente estão atrelados ao mover, mas também ao sentir. “Eu pesquiso a relação em que todos poderíamos ter essa fruição, tentando englobar a relação com a acessibilidade e os sentidos, que podem ser olfato, audição, visão, tato, pensamentos, memórias ou gestos”, destaca.

LÍGIA BESSA

arte-educadora
@criarflordecajueiro



Lígia Bessa é natural de Fortaleza e graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Ela conta que cresceu rodeada de arte, cultura e exemplos que a inspiraram. “Cresci me descobrindo artista. Pinte, desenhei, toquei e bordei. Entrar na área de artes, e na educação, acabou sendo uma consequência do meu crescimento”, diz.

Hoje, atua como educadora na Pinacoteca do Ceará, mas se considera, além de artista, bordadeira e encadernadora. Lígia diz que, durante a faculdade, se permitiu experimentar diferentes formas de atuação na arte.

“O bordado veio como consequência de uma saudade que sentia da minha cidade natal enquanto eu estudava tão longe de casa”, justifica. Já a encadernação foi despertada durante esses processos de experimentação. “Hoje, bordo sobre meu corpo e minha memória afetiva, mas também encaderno e



sirvo minha arte nesse processo.” Junto com uma amiga, a educadora mantém uma loja de encadernação chamada Flor de Cajueiro. No museu, diz que os próprios colegas de trabalho - muitos são artistas - a incentivam a continuar o trabalho no universo das artes. “Partilhar e presenciar esses momentos me faz sentir que não estou sozinha e me motiva a continuar tentando sem sentir tanta vergonha e insegurança”, diz.

LUCIANA RODRIGUES

coordenadora
de programação
@lu_rodriguesz



ARQUIVO PESSOAL

Luciana Rodrigues é historiadora, arte-educadora e artista. Trabalha em museus e espaços culturais há pelo menos 16 anos. Na Pinacoteca, está à frente da coordenação de programação.

Na arte, Lu, como costuma ser chamada, trabalha com fotografia desde 2013, mas só em 2019 passou a expor o trabalho.

“São séries que estão relacionadas às histórias da minha família e são produzidas na região dos Inhamuns, no interior do Ceará”, explica.

Na Pinacoteca, ela conta que acompanhar as partilhas dos processos criativos de artistas, pesquisadores e curadores é gratificante. No entanto, tenta estabelecer limites entre a Luciana que trabalha no museu e aquela que atua na fotografia. “Venho me organizando para que meu trabalho na Pinacoteca e minha atuação como artista sejam duas esferas bem distintas na minha vida. É um equilíbrio que nem sempre consigo, mas que persisto em manter.”

MARÍLIA CAMELO

fotógrafa

@marilia

Com uma trajetória profissional dedicada ao fotojornalismo e à área editorial nos principais veículos de imprensa do Ceará e do Brasil, Marília Camelo se inspira nas artes visuais para alcançar novos e diferentes voos. “Entre 2015 e 2016, produzi meu primeiro projeto autoral. A partir de então, venho expandindo meu olhar para além da fotografia, voltando-me também para as artes visuais”, conta. Marília explica que, geralmente, as inspirações partem de exercícios coletivos, mentorias que estimulam a discussão e elaboração de ideias, além de oficinas sobre diferentes técnicas artísticas. “Gosto de utilizar a fotografia como um meio, não como um fim”, conta. Algumas das produções são colagens feitas a partir do seu próprio arquivo fotográfico. “Não produzo com uma periodicidade alta, pois a carga horária semanal consome bastante da minha energia criativa”, diz. O encontro com a Pinacoteca, no entanto, também possibilita inspirações e aponta caminhos para o trabalho artístico. “Acho que o contato com pessoas diversas, artistas e trabalhos múltiplos proporciona bastante aprendizado, traz novas referências de arte e de visão de mundo”, conclui.



ARQUIVO PESSOAL



ARQUIVO PESSOAL



MATEUZA

galerista

@mateuza



“Me chamo Mateuza, tenho 22 anos, sou neta de retirantes e bisneta de rezadeira”, assim se descreve a artista, que trabalha na Pinacoteca como galerista desde julho de 2023. “Sou artista visual e do corpo, e pesquisadora”, conta. A arte surgiu em sua vida como uma edificação de novas realidades, além da sede por um desejo expresso em vídeo-performances, colagens digitais e analógicas e fotografia. Para Mateuza, o museu é visto como um lugar de passagem. “Sempre me pergunto sobre o que as pessoas que vêm apreciar as exposições esperam ver”, revela. Segundo ela, a passagem e a projeção atravessam suas referências artísticas desde o momento em que passou a atuar como trabalhadora no museu.

FOTO: ANDERSON MARQUES



RHAIZA OLIVEIRA

supervisora de
comunicação digital

@pasigrafias



Rhaiza Oliveira é social media na Pinacoteca do Ceará. No universo artístico, ocupa os palcos do teatro e atua também no bordado, no desenho e na escrita afetiva. “O teatro teve muito peso na minha vida em relação a quem eu era, o que eu fui e quem eu sou”, conta ela, que foi aluna do Curso de Princípios Básicos de Teatro (CPBT) no Teatro José de Alencar (TJA). Além da atividade como atriz, Rhai - como é mais conhecida -, também preenche o tempo com as outras atividades. No entanto, ela faz ressalvas à interpretação como um trabalho ou uma fonte de renda. “A grande sacada da arte na minha vida é ela não ser um trabalho, mas também não ser um *hobby*; eu entendo a arte como um modo de sobrevivência e não como algo com o qual eu precise ganhar dinheiro”, conta. Para Rhaiza, a arte é vista como uma válvula de escape, uma forma de sobreviver diante de um mundo tão hostil. No museu desde antes da abertura, ela pontua o conflito entre trabalho e fazer artístico, dificultado pela carga horária. Ainda assim, lembra que a exposição “Leonilson: montanhas protetoras e ao longe, vulcões, rios, furacões, mares, abismos e Das amigadas” é uma das mais marcantes na sua trajetória como profissional da Pinacoteca até aqui. “O Leonilson me tocou em muitos aspectos para que pudesse me expressar e bordar, mas principalmente escrever. O fato da amizade dentro da exposição me tocou muito em relação aos meus amigos e às pessoas que eu amo”, finaliza.

FOTO: MARÍLIA CAMELO



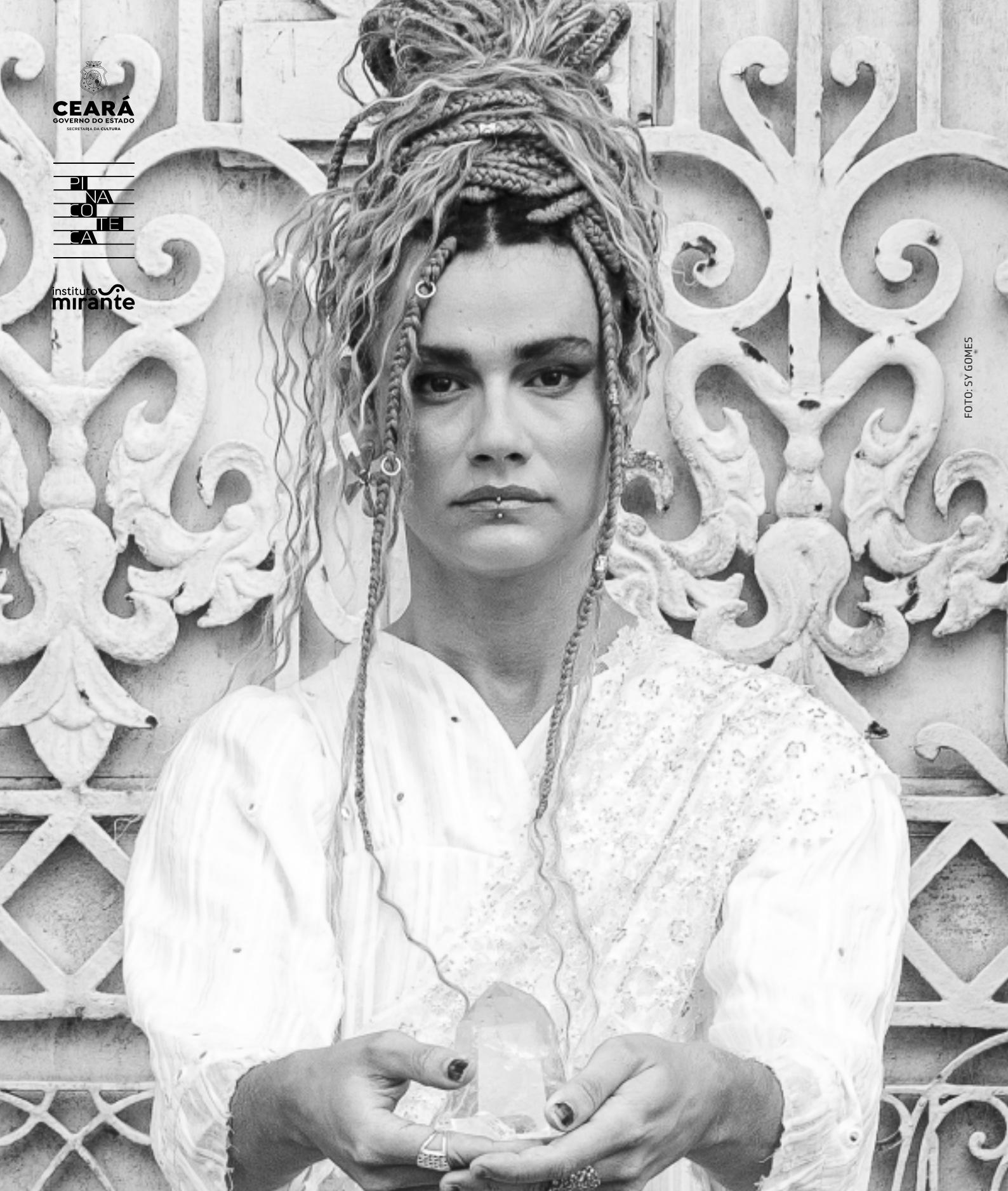
SIMONE BARRETO

coordenadora
de Arte Educação

@simonebarretoilustra



Simone Barreto é arte-educadora e artista visual. “Filha da Laura e mãe da Rubi”, acrescenta. Ela é mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e graduada em Artes Visuais no Instituto Federal do Ceará (IFCE). Na Pinacoteca do Ceará, é responsável por gerir a equipe da Educativa, além de todas as atividades do museu que envolvem o setor. “Minhas pesquisas artísticas geralmente se debruçam sobre narrativas femininas autobiográficas na arte contemporânea”, explica Simone. Divisão sexual do trabalho no campo e na cidade, o corpo e a maternidade são temas comuns em seus trabalhos. “Também pesquiso o bordado, a costura e outras experimentações têxteis”, diz. O fio da meada vem carregado de memórias, que reuniu durante conversas e histórias, “tramando” - como diz - narrativas contra-hegemônicas que apontam para os saberes, os ofícios e as maneiras de costurar roupas, histórias e vidas. “Percorrendo um caminho que tem revelado como os corpos constroem narrativas e trajetórias marcadas pelo apagamento e invisibilidade na historiografia cearense”. Já participou de residências artísticas, exposições coletivas e individuais. “Minha obra *Caderno de Viagem*, de 2017, participa da *Se Arar* e, ao iniciar na Pinacoteca em dezembro de 2023, pude acompanhar cotidianamente a relação do público com ela”, conta. “A interação, as perguntas, o manejo, o toque têm me inspirado a pensar obras que tragam em sua materialidade o desejo do encontro e do contato”, conclui.



EXPEDIENTE

Este informativo é de circulação interna e de responsabilidade da Gerência de Comunicação e Projetos da Pinacoteca do Ceará. **Sílvia Bessa** Gerente; **Raphaelle Batista** Coordenadora de comunicação; **Rhaiza Oliveira** Supervisora de comunicação digital; **Alessandro Fernandes** Estagiário ASCOM; **Marília Camelo** Fotógrafa; **Sara Fael** Designer; **Valde Cabral** Assistente de Design; **Lidia Sampaio** Estagiária de Design; **Lucas Dilacerda** Supervisor de conteúdo; **Jorge Silvestre** Videomaker. Textos: Alessandro Fernandes. Edição: Raphaelle Batista e Sílvia Bessa. Projeto gráfico e diagramação: Lidia Sampaio e Sara Fael.

CONTATO

pinacotecadoceara.ascom@institutomirante.org